ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43 — *LISBOA*

PRIMEIRO ANNO | *SEGUNDA FEIRA, 30 DE NOVEMBRO DE 1903* | *NUMERO 4*

OLIVEIRA MARTINS

CHRONICA

Consagrações e despezas

A anterior semana foi fertil em consagrações. Parece que vamos no bom caminho de glorificar os mortos, aquelles que muito trabalharam e andaram n'este mundo aos pontapés da turba, queridos apenas por uns amigos e por um publico limitado que os comprehendeu.

A estatua de Sousa Martins está fundida, a Sciencia vae ficar a seus pés, meditativa e em pedra, escrava d'elle, que muito a amou. No cemiterio dos Prazeres, fez-se a trasladação de Oliveira Martins; no seu tumulo, a Historia, illuminada e radiosa, fica a guardar as cinzas do auctor do *Nun'Alvares* e dos *Filhos de D. João I*. E aquella figura da Historia não tem a carranca, nem a severidade, nem a attitude altaneira de censora de factos, de implacavel juiz a condemnar reis e povos. E' uma Historia suave, de perfil hieratico e ligeiro, como a obra do Historiador que ella guarda no seu tumulo, á sombra dos cyprestes.

*

Mas na actual semana, esquecidas as consagrações com a chegada do inverno, que já se mostra a fazer das suas, houve o desespero nos lares ante as exigencias da familoria. Esteve ahi o Coquelin e augmentaram as despezas. Venderam-se mais plumas nas lojas, mais *fauteuils* no D. Amelia e houve mais movimento no escriptorio da companhia de carruagens. Palrou-se muito por deshoras na esquina do theatro, sob a luz, frente dos cartazes, ouviram-se imprecações, coleras silvaram.

—O Coquelin, ora!... —berrou-se desesperadamente—Está *demodé*, menino... Elle e as peças... Ora o *Thermidor*... O *Cyrano*...! Ainda hoje o disse a minha mulher!...

—E' uma questão de gosto—discute outro do lado, um solteirão com os dedos carregados de anneis.

—Qual gosto, amigo! .. Olhem, eu desespero-me com as peças, com os auctores, com a empreza, por uma questão extranha!...

—Queres a verdade na arte?

—Qual arte!! Quero que minha mulher e minha sogra não me peçam capas de inverno, nem vestidos de theatro! Ora ahi têm porque detesto o *Thermidor!*

*

No povo, na arraia miuda, n'essa pobre gente que trabalha, o inverno dá o seu belisco, como na gente que se diverte. O pedreiro já sente que os pardaes buscam refugio nas telhas e já sente as manhãs cortadas pela chuva que vae cahir. N'esses mezes de inverno as semanas para elle serão de poucos dias de ganho, mas eguaes em gastos. O pobre entra a appetecer o verão, a clamar:

—Antes me derreta a soalheira! .

Depois tem mais necessidade de aconchego, de coberturas, de roupas, vem ao longe o Natal, com o seu frio e com a sua evocação da familia reunida, apalpam as algibeiras e teem um gesto desolado, que faz mal vêr e que perturba.

A malta vae recolher-se cedo n'estas noites, que são enormes, e ao acordar, ao saltar para o chão, de membros lassos e aos espirros, espreita pela fresta a madrugada. E' um tormento essa manhã. Ou vae chover, ou vae estar um dia indeciso, dubio. Conforme o dia, assim o pão.

—Olha, mulher... Mais agua na panella... Estou a vêr que só trabalho um quartel! .

E vae pela rua, bisonha e curvada, a arraia miuda, que Deus não vê.

*

Nas ruas installam-se os coretos, armam-se os arcos triumphaes, sacodem-se nos paços as tapeçarias, pintam-se as portadas, paira no ar um cheiro de festa e o bom lisboeta diz:

—Deus queira que não chova!

E' que dentro em pouco chegará a Lisboa S. M. Catholica e já nas almas vae a sensação do divertimento. Os coches de gala hão de rodar, pesados e com o seu ouro, traquitanando por essas praças, ao som dos vivas, ao som das musicas e das palmas. Haverá apertão; na rua, mais mulherio, mais alegria.

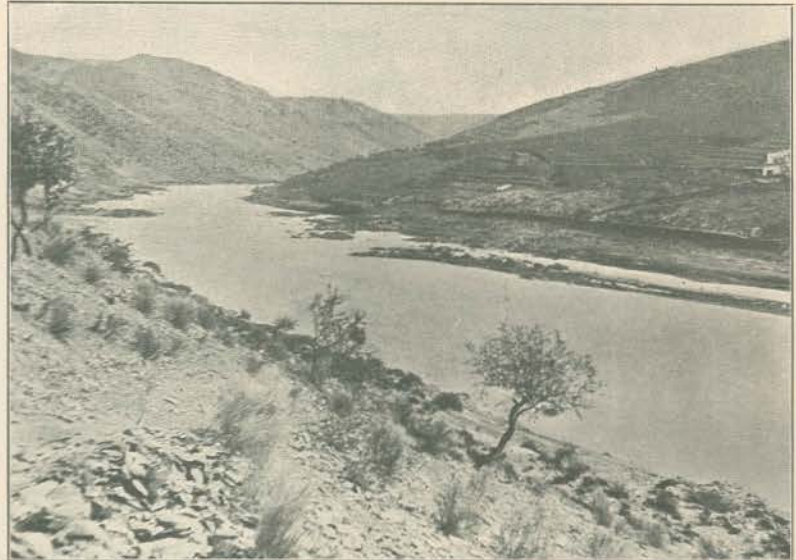
Por isso o lisboeta, que quer divertir-se, diz como o artifice que quer ganhar o pão:

—Deus queira que não chova!...

Oh! Mas choverá, ha de chover decerto, quanto mais não seja petalas de rosas sobre a cabeça do rei de Hespanha.

ROCHA MARTINS.

UM TRECHO DO JARDIM DE BELEM EM PLANTAÇÃO

PREPARATIVOS PARA A VISITA DO REI DE HESPANHA
UM TRECHO DO JARDIM DE BELEM EM FRENTE DO PALACIO

CAMINHO DE FERRO DO POCINHO, CUJA INAUGURAÇÃO SE REALISOU EM 15 DE NOVEMBRO COM A ASSISTENCIA DO SR. MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS

CAMINHO DE FERRO DO POCINHO, UM ASPECTO DO RIO DOURO E A BARCA DE PASSAGEM EM DIRECÇÃO Á BARCA D'ALVA

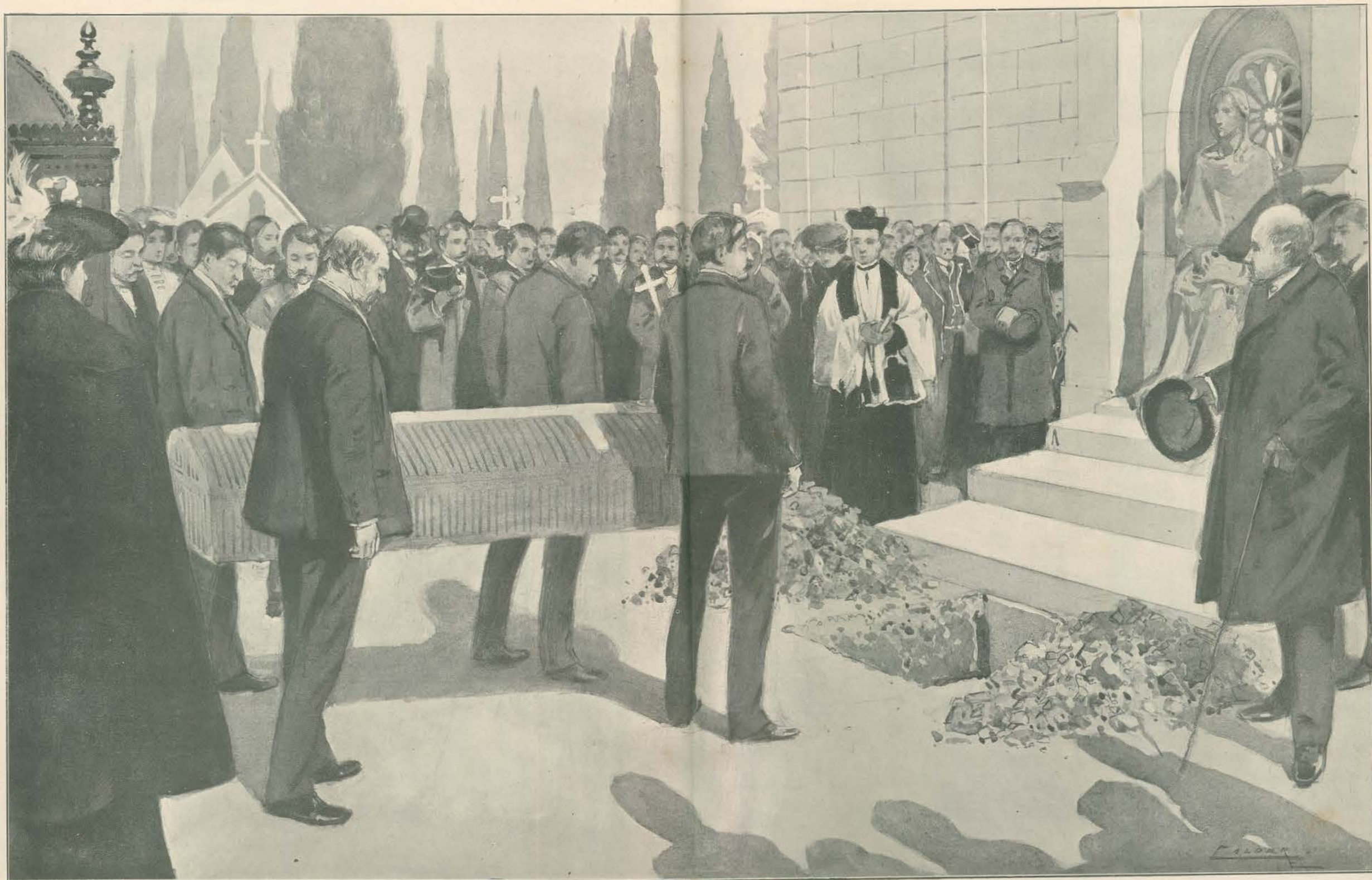
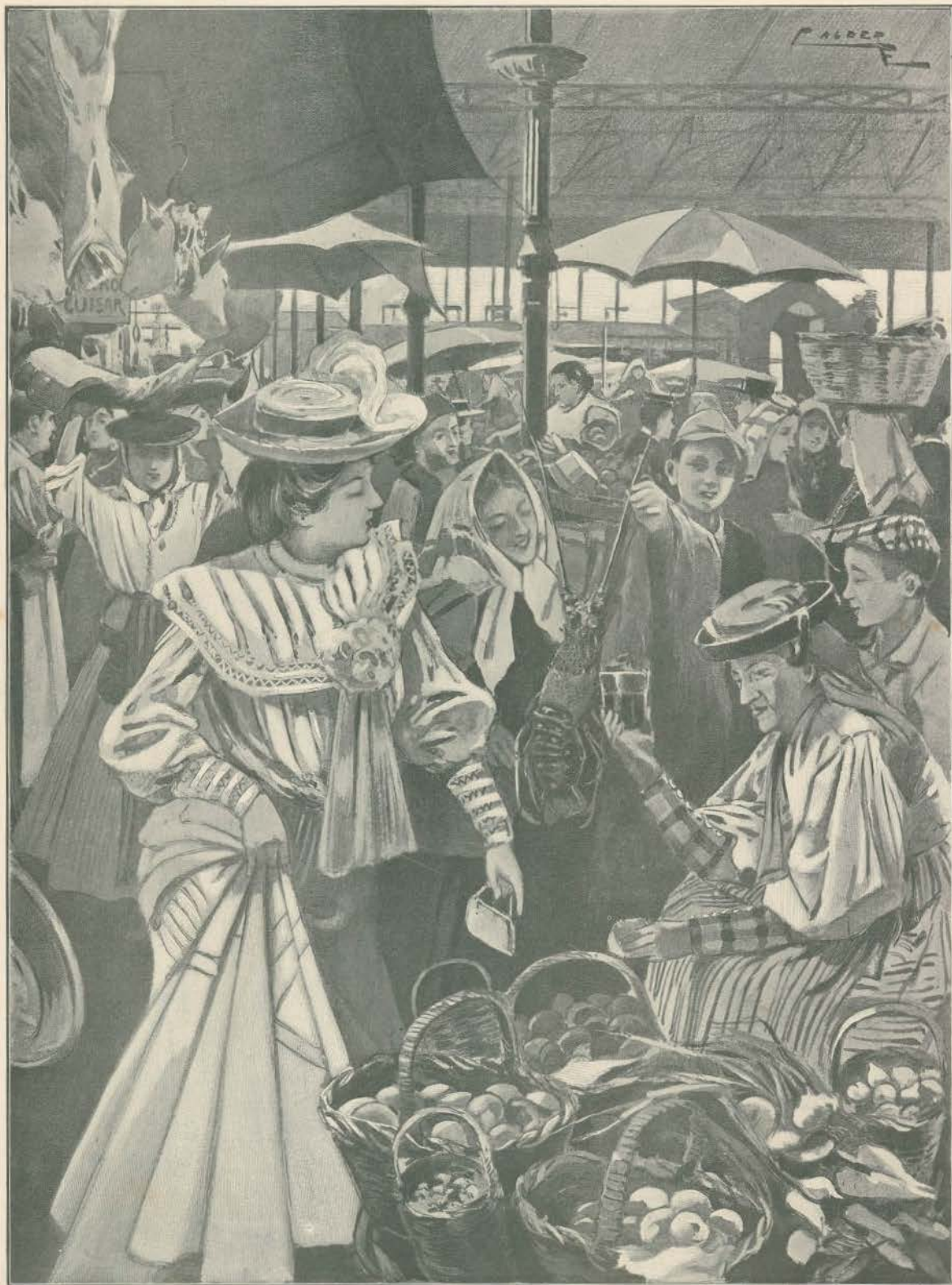
O SABBADO DOS POBRES — GRUPO DE MENDIGOS AGUARDANDO A DISTRIBUIÇÃO DO CALDO EM FRENTE DA DEPENDENCIA DA MISERICORDIA NA RUA DA ROSA

UM TRECHO DA AVENIDA DA LIBERDADE NA TARDE DO ULTIMO DOMINGO

AS INSTALLAÇÕES DO LACTARIO

PROPRIEDADE DA ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DA PRIMEIRA INFANCIA, INAUGURADO EM 22 DE NOVEMBRO COM A ASSISTENCIA DE SS. MM.
1.º—O EDIFICIO. 2.º—A DISTRIBUIÇÃO. 3.º—A FILTRAÇÃO. 4.º—EDIFICIO DA VACCARIA POR FÓRA. 5.º—AS INCUBADORAS. 6.º—VACCARIA POR DENTRO. 7.º—O PESSOAL.

S. A. R. O PRINCIPE SENHOR D. LUIZ FILIPPE, DANDO A SUA LIÇÃO DE CHIMICA NO LABORATORIO DA ESCOLA POLYTECHNICA COM O PROFESSOR SR. ACHILLES MACHADO, NO DIA 20 DE NOVEMBRO

A MANIFESTAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LISBOA E DE COIMBRA Á ESTATUA DE EÇA DE QUEIROZ, REALISADA EM 22 DE NOVEMBRO

A TRASLADAÇÃO DOS RESTOS MORTAES DO HISTORIADOR OLIVEIRA MARTINS, EM 21 DE NOVEMBRO, PARA O MAUSOLEU MANDADO ERIGIR POR UMA COMMISSÃO DE AMIGOS

A PRAÇA DA FIGUEIRA — ASPECTO DO MERCADO NOS ULTIMOS DIAS

O CORONEL MATHIAS NUNES
Director da Fundição de Canhões, onde se fundiu a estatua de Sousa Martins

JORGE O'NEILL
Membro da commissão que mandou erigir o mausoléu de Oliveira Martins

MR. LEBASTARD DE SEGERS
Engenheiro constructor que fez os trabalhos de terraplenagem na linha de Cintra ao oceano

O ENGENHEIRO WAN-DER-WALLEN
Um dos constructores da linha de Cintra ao oceano cujas experiencias se realisaram em 22 de novembro

O GENERAL ANTONIO CANDIDO DA COSTA
Novo commandante da 2.ª divisão militar

SOUZA MACHADO
Tenente-coronel de infantaria a quem foi entregue uma espada de honra

CONDE DE SABUGOSA
Membro da commissão que mandou erigir o mausoléu de Oliveira Martins

THEOTONIO DA SILVA BASTOS
Membro da commissão que mandou erigir o mausoléu de Oliveira Martins

ACHILLES MACHADO
Lente da Escola Polytechnica e professor de chimica de S.A. R. o principe D. Luiz Filippe

FAUSTINO DA GAMA
Fallecido em 21 de novembro

JOÃO ANTONIO DE AGUIAR
O fallecido chefe da policia

CASIMIRO JOSÉ DE LIMA
Um dos membros da commissão promotora da estatua a Sousa Martins

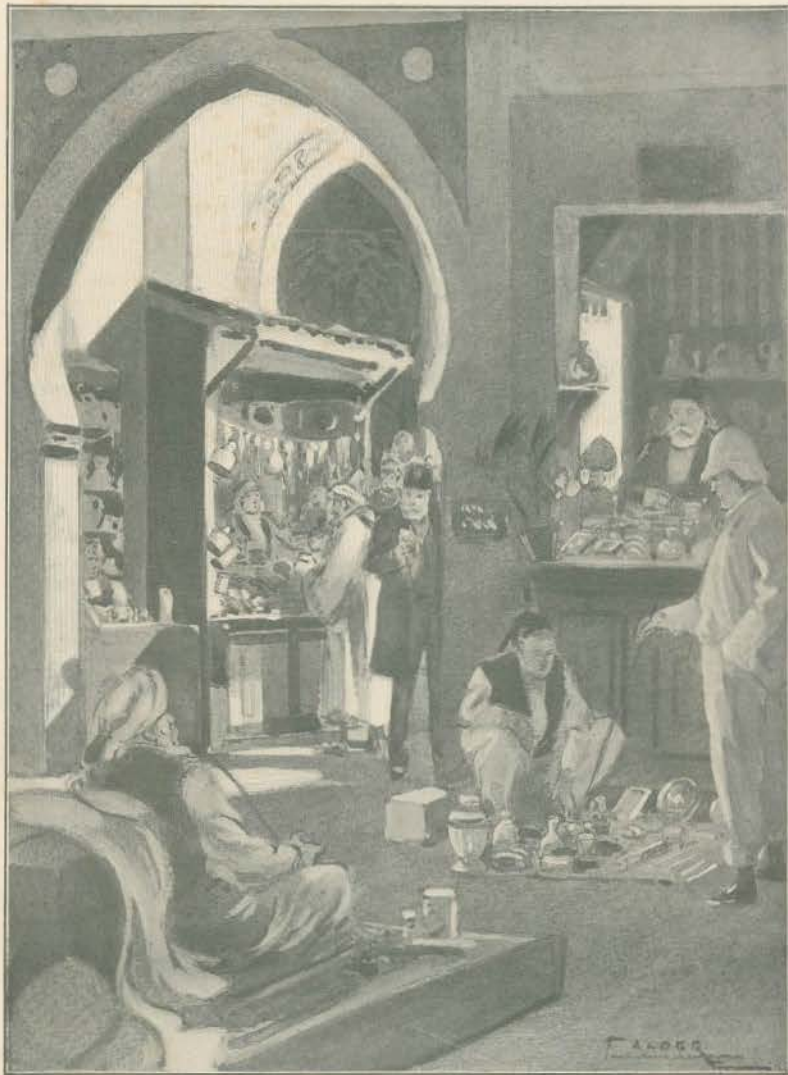
REGATAS EM PEDROUÇOS
TRIPULAÇÃO DA GUIGA «ELEONORA» QUE FICOU VENCEDORA NA ULTIMA REGATA DA ESTAÇÃO PROMOVIDA PELO REAL CLUB NAVAL

ARMANDO CARDENAS — PEDRO DEL-NEGRO — ANNIBAL GENEROSO (Instructor official do Real Club Naval) — RAUL FRADE — ALBANO SANTOS
ALBERTO DE GIMENES — M. C. VASQUES (Timoneiro) — A. COUTO

O ESCULPTOR COSTA MOTTA
Auctor da estatua de Sousa Martins

A CATASTROPHE QUE TEVE LOGAR EM 20 DE NOVEMBRO NO CAMINHO DE FERRO DA LINHA DE CASCAES, UM POUCO ADIANTE DO APEADEIRO DO BOM SUCCESSO, E NA QUAL FICARAM GRAVEMENTE FERIDOS, ALEM DA PROFESSORA DE PIANO D. LUIZA DE SOUSA, O MACHINISTA PEDRO MARTINS E O FOGUEIRO ANTONIO PEREIRA

O BALAO LUSITANO

O AERONAUTA BELCHIOR NOS JARDINS DO PALACIO DE CRYSTAL COM OS SEUS COMPANHEIROS DE VIAGEM, CESAR MARQUES DOS SANTOS E JOSÉ D'ALMEIDA, CAPITALISTAS, DE VILLA NOVA DE GAYA, MOMENTOS ANTES DA ASCENSÃO QUE SE REALISOU NO SABBADO 21 DE NOVEMBRO (SEGUNDO UMA PHOTOGRAPHIA DE GUEDES D'OLIVEIRA)

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Visitámos as Mil e uma columnas. Não sei para que isso foi primitivamente destinado, mas disseram ter sido construido para um reservatorio. Estão situadas no centro de Constantinopla. Desceis um lanço de escadas de pedra no meio de um logar arido, e lá vos achaes, a quarenta pés abaixo do solo, e no meio de uma perfeita solidão de columnas altas, delgadas, graniticas, de architectura bysantina. Permanecei onde quizerdes, ou mudae de posição tantas vezes quantas forem do vosso agrado, sereis sempre o centro d'onde irradiam doze compridas arcarias e columnatas que se perdem na distancia e no crepusculo sombrio do logar. Este vetusto reservatorio sêcco é occupado agora por alguns espectraes fiandeiros de seda, e um d'elles mostrou-me uma cruz gravada no alto de uma das columnas. Supponho que me queria dar a entender que ella era anterior á occupação da cidade pelos turcos, e julguei que me fez uma observação para esse fim; mas devia ter algum impedimento na fala, porque não o percebi. (Na minha simplicidade, nenhumas perguntas embaraçosas me perturbavam n'esse tempo, mas agora me occorre que talvez esse mesmo velho bicho de seda esculpisse aquella cruz, com a mira em auferir d'ahi lucros.)

Descalçámo-nos para entrar no mausoléo de marmore do sultão Mahmoud. O tumulo de Mahmoud, coberto com um manto de velludo negro, caprichosamente bordado de prata, estava collocado dentro de uma imaginosa grade de prata; dos lados e aos cantos, castiçaes de prata que pesariam mais de mil arrateis, com vélas tão grandes como a perna de um homem; no topo do sarcophago um fez, adornado com um bello diamante, que um guarda que lá estava disse valer cem mil libras esterlinas. Disse o medico que devia ser uma grande consolação ser um cadaver, e jazer sob um diamante como aquelle, e um grande estimulo para a faculdade creadora ser guarda e jazer sobre elle.

Fomos, é claro, ao grande bazar de Stambul, e quanto á sua descripção limitar-me-hei a dizer que é um aggregado monstruoso de lojas pequenas—milhares, creio eu—todas debaixo de um tecto, e divididas em innumeros quarteirões por meio de ruas abobadadas. Uma rua é destinada a uma especie de mercadorias, outra a outras, e assim por deante. Se quereis comprar um par de chinellas, tendes a linha de toda a rua — não precisaes de andar á procura de armazens em differentes logares. O mesmo succede com sedas, antiguidades, chales, etc. O local está sempre apinhado de gente, e, como os productos orientaes estão profusamente expostos deante de cada loja, o bazar de Stambul constitue um espectaculo digno de vêr-se. E' cheio de vida, de bulicio, de negocio, immundicie, pobres a pedir, burros, bufarinheiros, que soltam gritos estridentes, moços de fretes, derviches, lojistas turcas de alta estirpe, gregos, e mahometanos com ares magicos e magicamente vestidos, lá das montanhas, e das remotas provincias — e a unica cousa que a gente não cheira quando está no Grande Bazar é só o que cheira bem.

III

Falta de moralidade e de whiskey—Boletim do mercado de raparigas escravas.—Desconto na moralidade commercial.—Os cães de Constantinopla calumniados.—Delicias duvidosas do jornalismo na Turquia.—Engenhoso jornalismo italiano.— Não se querem mais *lunchs* turcos.—Fraude do banho turco.—Fraude do narghillé. —Aplainado por um indigena.— Fraude do café turco.

As mesquitas são muitas, as egrejas são muitas, os cemiterios muitos, mas ha pouca moralidade e whiskey. O Alcorão não permitte aos mahometanos beberem. E não lhes consentem os seus instinctos naturaes que elles sejam moralizados. Dizem que o sultão tem oitocentas mulheres. Faz córar de vergonha vêr que semelhante cousa é admittida aqui na Turquia. Não chega a tanto, comtudo, no Lago Salgado.

Raparigas circassianas e georgianas ainda são vendidas em Constantinopla pelos paes, mas não publicamente. Já não existem os grandes mercados de escravos, de que tanto temos lido—onde as raparigas de poucos annos eram dispostas para serem inspeccionadas, apreciadas e discutidas como cavallos n'uma feira agricola. A exposição e as vendas agora são feitas em particular. E justamente n'esta occasião as reservas teem subido de preço, em parte por causa de um forte pedido que teve por origem a volta recente da comitiva do sultão das côrtes da Europa, em parte por causa da abundancia excepcional de cereaes, o que livra os possuidores dos tormentos da fome, e lhes permitte aguardar a elevação do preço, e em parte porque os compradores são demasiado fracos para affrontar o preço, ao passo que os vendedores estão amplamente preparados para o manter. N'estas circumstancias, se os jornaes da capital da America se publicassem aqui, o seu proximo boletim commercial seria assim, pouco mais ou menos, creio eu:

BOLETIM DO MERCADO DE RAPARIGAS ESCRAVAS

Melhores marcas de circassianas, colheita de 1850, 200 L; 1852, 250 L; 1854, 300 L. Melhores marcas de georgianas, não houve offerta nenhuma; segunda qualidade, 1851, 180 L. Dezenove bonitas para medianas raparigas wallakias offerecidas a 130 a 150 L, não tiveram compradores. Dezeseis de primeira ordem vendidas em pequenos lotes para concluir—ajuste particular.

Vendas de um lote de circassianas, de primeira ordem, 1852 a 1854, 240 a 242 ½ L; compradores, 30; um de quarenta e nove—em mau estado—23 L, dez vendedores, nenhum deposito. Diversas georgianas, genero phantasia, 1852, troca, para satisfazer encommendas. As georgianas, que ha agora, são, pela maior parte, da colheita do anno passado, que foi singularmente pobre. A nova colheita está um tanto retardada, mas entrará brevemente no mercado. Pelo que toca á sua quantidade e qualidade, as informações recebidas são o mais animadoras possivel. Quanto a isso, póde tambem affirmar-se positivamente que o novo fornecimento de circassianas tem bellissima apparencia. Sua Magestade o Sultão fez já grandes encommendas para o seu novo harem, que estará acabado dentro em quinze dias, o que tem naturalmente fortalecido o mercado, e dado á reserva de circassianas uma tendencia pronunciada para alta. Aproveitando-se da vantagem que offerece o mercado abundante, muitos dos nossos astutos especuladores fazem vendas de prompto. Ha idéas de um «canto» sobre as wallackias.

Nada de novo ácerca das nubias. Venda demorada.

Eunucos—Offerta nenhuma; comtudo, esperam-se hoje grandes carregamentos procedentes do Egypto.

Penso que deveria ser esse, pouco mais ou menos, o estylo do boletim official. Os preços actualmente estão muito altos e os possuidores firmes; mas, ha dois ou tres annos, os paes, a morrer de fome, traziam para aqui as filhas e chegaram a vendel-as por vinte e trinta dollars, quando não podiam obter mais, simplesmente para se livrarem a si e ás raparigas de expirar á mingua. E' triste pensar n'uma situação tão dolorosa como essa, mas folgo sinceramente de que os preços subissem de novo.

A moral commercial, especialmente, é má. Não ha contradicção n'estas palavras. A moral dos gregos, dos turcos e dos armenios consiste em concorrer regularmente aos templos nos dias marcados e em violar os dez mandamentos durante a semana. Em primeiro logar, mentir e lograr é n'elles cousa natural, e depois vão andando e depurando a natureza até chegarem á perfeição. Recommendando o filho a um commerciante como bom caixeiro de balcão, o pae não diz que elle é um bello moço, bem comportado e serio, que frequenta as aulas e é honrado, mas diz: «Este rapaz vale quanto peza em boas moedas de ouro—porque ha de enganar toda e qualquer pessoa que tratar com elle, pois, desde o Euxino até ao mar de Marmara, não ha um mentiroso como elle, tão prendado!» Como é que isso pode ser uma recommendação? Teem-me dito os missionarios que ouvem encomios d'essa laia todos os dias. De uma pessoa que admiram dizem: —«Ah! é um delicioso tratante e um refinadissimo mentiroso!»

Não ha ninguem que não minta e não engane—ninguem que pertença ao commercio, de qualquer modo. Até os extrangeiros em breve adquirem o costume da terra, e não compram e vendem por muito tempo em Constantinopla, se não mentirem e lograrem como os gregos. Digo como os gregos, por serem estes os peores transgressores n'este sentido. Diversos americanos, ha longo tempo residentes em Constantinopla, sustentam que a maior parte dos turcos merece confiança, mas

poucos pretendem que os gregos tenham quaesquer virtudes que alguem possa descobrir — ao menos sem a prova do fogo.

Estou quasi em crêr que os celebrados cães de Constantinopla teem sido diffamados, calumniados. Sempre fui levado a suppor que eram tão numerosos nas ruas que impediam o transito; que andavam por uma parte e por outra organisados em companhias, pelotões e regimentos, e se apoderavam do que tinham necessidade por meio de assaltos decididos e ferozes, e que de noite, com seus terriveis latidos, abafavam todos os outros rumores. Ora, os cães que aqui vejo não podem ser aquelles de que tenho noticia pela leitura.

Encontro-os por toda a parte, mas não em grande força. Não passam de dez ou de vinte os que tenho topado juntos. E, tanto de dia como de noite, muitos d'elles dormiam a bom dormir. Os que estavam acordados pareciam ter somno. Nunca em minha vida contemplei cães gozos em tanto extremo miseraveis, esfomeados, mal assombrados e desfallecidos. Seria uma fusca satyra accusar animaes como aquelles de levarem as cousas á viva força. Mal pareciam ter a robustez ou ambição precisas para atravessarem a rua. Não dou fé que visse ainda algum caminhar mais do que isso. Sarnentos, chagados e mutilados, não raro vêdes um pellado em tantas partes que dá a lembrar um mappa dos novos territorios. São os mais tristes animaes que respiram—os mais abjectos—os mais dignos de lastima. Teem estampada no focinho uma pronunciada expressão de melancolia, um ar de desesperado desanimo. Um cão tinhoso, com as malhas sem cabello, merece muito mais que outro em estado de saúde, a preferencia das pulgas de Constantinopla; e esses logares expostos são o que as pulgas querem. Vi um cão d'esses querer morder uma pulga—uma mosca attrahiu-lhe a attenção, e elle fez um esforço para a apanhar; a pulga voltou, e isso para sempre o deixou quieto; viu com tristeza ser pasto de pulgas, e com tristeza olhou para a sua mancha descabellada. Depois, soltou um suspiro, e deixou cahir resignadamente a cabeça sobre as patas deanteiras. Era inferior á situação.

Os cães dormem na rua por toda a cidade. De uma á outra extremidade da rua supponho que serão, termo medio, oito a dez n'um bando. Algumas vezes, é claro, são quinze e vinte. Não pertencem a ninguem e parecem não ter estreita amizade uns com os outros. Mas dividem a cidade em districtos, e os cães de cada districto teem de permanecer dentro da sua area. Ai do cão que atravessar a linha divisoria! Os que estiverem proximos d'elle tiram-lhe o pêlo n'um instante! Assim se conta. Mas elles não attendem a isso.

Dormem na rua actualmente. São a minha bussola—o meu guia. Quando vejo os cães a dormir socegados, emquanto homens, ovelhas, patos e todos os semoventes andam de uma banda para a outra e em volta d'elles, sei que não estou na grande rua onde fica o hotel e devo seguir ávante. N'essa rua os cães teem uma especie de ar de estarem de vigia—um ar proveniente de serem obrigados a desviar-se de onde passam muitas carruagens todos os dias—e essa expressão reconhece-se n'um mometo. Não existe no focinho de qualquer cão fóra dos limites d'essa rua. Todos os mais dormem tranquillamente e não fazem guarda. Não mexeriam comsigo, ainda que passasse o sultão.

N'uma rua estreita (mas nenhuma d'ellas é larga) vi tres cães no chão, enroscados, separados um pé um dos outros. Deitados de um lado ao outro, cortam positivamente a rua de goteira a goteira. Veiu um rebanho de cem ovelhas, passaram mesmo por cima dos cães, amontoando-se as que iam na retaguarda sobre as da frente, impacientes por avançar. Os cães ergueram preguiçosamente os olhos, desviaram-se um pouco quando os pés impacientes das ovelhas lhes tocaram nos quartos feridos, suspiraram e em socego se deitaram outra vez. Não ha palavras que digam melhor do que isso. De maneira que algumas das ovelhas saltaram por cima e outras se metteram por meio d'elles, pisando de quando em quando uma perna com os seus cascos agudos, e quando o rebanho os salvava, os cães deram alguns espirros, por entre a nuvem de pó, mas nunca boliram d'onde estavam nem uma pollegada. Pensava eu que era indolente, mas sou uma machina de vapor comparado com um cão de Constantinopla. Não foi essa uma scena singular para uma cidade de um milhão de habitantes?

Esses cães são os varredores da cidade. Tal é a sua posição official, bem difficil. Tambem é o que lhes vale. Se não fosse a utilidade que resulta de fazerem em parte a limpeza d'essas ruas terriveis, não seriam tolerados por muito tempo. Comem tudo que encontram, seja o que fôr, desde cascas de melão e restos de cachos de uvas, envoltos em toda a especie de immundicie e de refugo, até aos seus proprios amigos e parentes mortos—e, todavia, andam sempre magros, sempre famintos, sempre desalentados. O povo tem repugnancia de matal-os—de facto, não os mata. Diz-se que os turcos teem uma antipathia innata a tirar a vida aos irracionaes. Mas fazem peor. Penduram-nos, dão-lhes pontapés, apedrejam e escaldam essas miseras creaturas até ficarem ás portas da morte, e deixam-nas depois para viver e penar.

De uma vez o sultão deliberou acabar com todos os cães que havia em Constantinopla, e deu começo á obra—mas a populaça soltou taes gritos de horror por esse motivo que o morticinio cessou. Decorrido algum tempo determinou-se em os mandar para uma ilha no mar de Marmara. Não houve opposição, e lá foi um navio carregado d'elles. Mas, quando se espalhou que, por qualquer fórma, os cães não chegaram á ilha, mas tinham ido pela borda fóra e morrido, outro clamor se levantou e foi posto de parte o plano da transferencia.

Por maneira que os cães permanecem em tranquilla posse das ruas. Não digo que não ladrem de noite, nem que se não atirem a quem não levar na cabeça um fez vermelho. Apenas digo que accusal-os d'essas cousas bem pouco decorosas seria baixo para *mim*, que os não vi fazel-as com os meus proprios olhos, nem as ouvi com os meus proprios ouvidos.

Fiquei pouco surprehendido de vêr turcos e gregos fazendo de pregoeiros na terra mysteriosa que os gigantes e os genios das *Mil e uma noites* habitaram outr'ora—onde corseis alados e dragões com cabeça de hydra guardavam castellos encantados—onde principes e princezas corriam pelo ar sobre tapetes que obedeciam a um mystico talisman—onde as cidades, cujas casas eram construidas de pedras preciosas, surgiam n'uma noite ao aceno de um feiticeiro, e onde o bulicio dos mercados cessava de subito com um encantamento e, cada cidadão, deitado ou sentado ou de pé, com a lança erguida ou com um pé avançado, ficava exactamente como estava, mudo e quedo, por espaço de um seculo!

Era curioso vêr os rapazes a vender jornaes n'uma terra tão phantastica como essa. E, para falar verdade, é comparativamente um caso novo aqui. A venda de jornaes começou em Constantinopla ha um anno e teve a sua origem na guerra da Prussia com a Austria.

FOLHETIM N.º 4 *(Continúa.)*

CAMILLO MANUEL ALVAREZ GIL
Presidente da camara do commercio hespanhol em Lisboa

CESAR MARQUES
Um dos companheiros do aeronauta Belchior

JOSÉ ANTONIO DE ALMEIDA
Outro companheiro do aeronauta

JAYME ARTHUR DA COSTA PINTO
Um dos encarregados dos festejos em homenagem ao rei de Hespanha

CHRONICA ELEGANTE

Lisboa vive! A's longas, monotonas e desertas tardes de fim de estio, succede agora um periodo de animação e alegria suggestivas. Afóra alguns retardatarios que ainda passam nos seus *châteaux* a época das caçadas, póde dizer-se que todos regressaram das praias e vilegiaturas; ao natural desejo de gozarem dias de bom tempo a doce *flânerie* do passeio pela baixa, á faina de compras e preparativos de *toilettes* d'inverno accresce actualmente a perspectiva de proximos festejos, para os quaes todos querem estar prevenidos, e que pouco a pouco vão infiltrando enthusiasmo nos mais misanthropos.

FIGURA 1

As ruas da baixa povôam-se de passeiantes, mais ou menos *affairés*, as luxuosas equipagens estacionam á porta dos armazens elegantes, os *electricos* favorecem admiravelmente a sempre crescente circulação, tudo, emfim, contribue para dar á nossa formosa capital o aspecto de vida, de elegancia e de bom tom de que ella tanto carecia ha ainda alguns annos.

O genero de *toilette* que domina para o passeio da tarde é o *costume tailleur habillé*, que é egualmente proprio para visitas menos cerimoniosas.

Mesmo o traje *tailleur* simples tem um cunho essencialmente distincto, quando seja executado em tecido fino e caro, forrado de roçagante seda, deixando apparecer, quando se levanta, uma saia egualmente de seda, bem guarnecida. Apezar de toda a relnctancia, o vestido redondo vae-se impondo; não curto acima da bota, mas rente do solo. De algumas casas reputadas como de primeira ordem em Lisboa ainda não sahiu este outomno um unico vestido de passeio com cauda. Os pannos de todas as qualidades, cheviottes, *homespuns*, *nattés*, *bouclés*, os vellndos, *velvets*, *velveteens* lisos, *frappés*, são os tecidos mais usados para trajes de passeio e guarnecem-se de pelles, de galões ricamente bordados e lavrados, com botões artisticos de lavores antigos e modernos, e variadas dimensões; os feitios são diversos, mas a nota dominante em todos elles é o grande cabeção, ou *collet*, fazendo descahir os hombros e as mangas bastante volumosas em baixo, comquanto não attinjam as proporções immensas das do traje de recepção ou de noite. Com a gola voltada para baixo e o pescoço desaffrontado, impõe-se necessariamente a adopção das gravatas de toda a especie, desde a mais confortavel e pesada *fourrure* até á tenuissima gaze ou tulle, formando grande laço debaixo da barba.

FIGURA 2

FIG. 1 — Costume *tailleur habillé* em velludo de phantasia com grandes bandas formando cabeção e canhões Luiz XV em *faille* com lirios roxos bordados ou pintados. Collete de pellos. Gravata e folhos de mangas em renda com laços de velludo preto.

FIG. 2 — Costume *tailleur* simples em panno com galões. Gravata de renda. *Toque* de pennas de phantasia.

FIG. 3 — Vestido de recepção em tulle preto com rosas *incrustées* e fitas de velludo preto sobre fundo de seda branca.

FIGURA 3

AS CERIMONIAS FUNEBRES DO CONSELHEIRO PEREIRA CARRILHO NA EGREJA DE SAINT-LAMBERT DE PARIS
O FERETRO — A PORTADA DA EGREJA — GRUPO AGUARDANDO O FERETRO NA ENTRADA DA EGREJA. (PHOTOGRAPHIA DO SR. ANTONIO DE FARIA)